

A mão e a luva do dr. Ulysses

Luiz Orlando Carneiro

O deputado Ulysses Guimarães será levado a presidir este derradeiro turno da Assembléia Constituinte com sua proverbial mão de ferro calçada com a luva macia da precaução. Contra a sua vontade, e por uma série de fatores conhecidos que escaparam de seu controle, enfrentará o sério desafio da Convenção do PMDB antes da promulgação da Constituição. Discretamente, mas com a determinação que o caracteriza, não vai desistir facilmente da possibilidade de manter a presidência da Câmara e, por via de consequência, a vice-presidência da República.



O quadro, como não podia deixar de ser, preocupa os integrantes do *Centrão* — que, aliás, agora, procuram se livrar do apodo como o diabo da cruz. Acham eles que, neste segundo turno, o presidente da Constituinte terá de fazer mais mesuras à esquerda do partido, a fim de que consiga chegar à convenção do dia 21 de agosto com a cobertura imprescindível dos governadores — Miguel Arraes e Waldyr Pires à frente — e dos constituintes *históricos* ou *autênticos* que não decolaram na primeira revoada dos *tucanos*.

Como presidente do PMDB, Ulysses Guimarães tem ainda um mês pela frente para tentar compor com os governadores uma chapa que preserve sua liderança, mas que não poderá deixar de vincar a fisionomia do partido com indeléveis traços “progressistas”. E não se tem dúvida de que, no exercício da presidência da Constituinte, o presidente do PMDB estará sendo testado sempre que estiverem em jogo os “avanços” alcançados pela centro-esquerda e os “retrocessos” garantidos pelos conservadores no primeiro turno.

As refregas do primeiro turno entre as lideranças do governo e do PMDB na Constituinte serão reaquecidas agora, mesmo porque o senador Mário Covas deixou a liderança do partido do dr. Ulysses pelo PSDB, mas teve o cuidado de garantir o seu lugar para o deputado Nélson

Jobim, destacado representante dos novos *históricos* do PMDB.

Não terá sido por acaso que o novo líder do PMDB na Constituinte reabriu, sem consultar o presidente Ulysses Guimarães, a sensível questão da possibilidade de desapropriação para fins de reforma agrária da propriedade produtiva. O assunto — que aparentemente seria reapresentado pelos partidos assumidamente esquerdistas apenas para marcar posição — tende a semear novamente a cizânia entre as alas antípodas do PMDB, às vésperas de uma convenção na qual a figura mais histórica do PMDB não pode depender do *Centrão* para vencer.

Finalmente, os políticos mais chegados ao dr. Ulysses não vêm por que obstar-lhe a vontade de continuar presidindo a Câmara dos Deputados, sobretudo no ato final deste dramático processo de transição político-institucional.

Pelo que se aprovou no primeiro turno, é vedada a recondução dos membros das mesas da Câmara e do Senado para o mesmo cargo na eleição imediatamente subsequente. O deputado Nilson Gibson (PMDB-PE) e o senador Jorge Bornhausen (PFL-SC) apresentaram emendas supressivas que, se aprovadas, permitirão a reeleição dos presidentes da Câmara e do Senado.

O senador Marco Maciel é uma das lideranças que apóiam a supressão do preceito constitucional aprovado no primeiro turno, por se tratar de matéria muito mais regimental do que constitucional. Lembra o presidente do PFL que o PMDB “histórico” sempre reclamou das limitações regimentais impostas ao Congresso pela Constituição de 1967/69, enquanto o Supremo Tribunal Federal e os demais tribunais superiores elegem e continuarão a eleger seus presidentes de acordo com seus regimentos internos.

O deputado Ulysses Guimarães deixará de ser presidente da Constituinte, provavelmente, na segunda quinzena de setembro. Mas não pretende deixar de ser nem presidente do PMDB nem presidente da Câmara. Nem vice-presidente da República.

Luiz Orlando Carneiro é diretor regional do JORNAL DO BRASIL em Brasília

1986 JUN 4 1

JORNAL DO BRASIL